

**A violência no romance *O matador* de Patrícia Melo**

Thomas Johnen (Stockholms Universitet/ISPLA)

## O. Introdução

Nos anos 90 do século XX romances como *O matador* de Patrícia Melo e *Cidade de Deus* de Paulo Lins tematizaram a violência urbana de maneira tal, que as obras se transformaram em grandes sucessos no público brasileiro e foram etiquetadas pelas ciências literárias como herdeiros do brutalismo iniciado por Rubem Fonseca em 1963 “characterized by descriptions and recreations of social violence” (cf. Schøllhammer 2001: 40). O romance *O matador* de Patrícia Melo obteve um sucesso internacional<sup>1</sup>, não só editorial mas também em termos de prêmios literários como o Deutscher Krimipreis 1998 ([www.deutscher-krimipreis.de](http://www.deutscher-krimipreis.de) [acesso 06/05/2009]) e além disso, adaptações radiofônicas<sup>2</sup> e cinematográficas (*O homem do Ano*, 2003)<sup>3</sup> tornando Patrícia Melo *autora de referência* para o romance policial brasileiro (cf. Pöppel 2004: 9; 225-237).

Patrícia Melo, nascida em 1962 em Assis, cidade interiorana do Estado de São Paulo<sup>4</sup>, estreou como autora com o roteiro para a minissérie *Colônia Cecília* da Bandeirantes em 1989, como romancista em 1994 com *Acqua Toffana*. Seguiram os romances *O Matador* (1995), *Elogia da mentira* (1998), *Inferno* (2000), *Valsa Negra* (2003), *Mundo perdido* (2006) e *Jonas, o copromanta* (2008). A autora escreveu também peças de teatro (*Dois mulheres e um cadáver* em 1997 e *A caixa* em 2003), além disso outros roteiros (mini-série *A banqueira do povo* em 1993; longa metragem: *Bufo e Spallanzani* entre outras).

Formularam-se porém algumas críticas sobre a maneira de Patrícia Melo tratar o tema da violência. Assim frisa Vejmelka (2005: 192) que seria problemático apresentar a violência como um fato dado sem problematizá-la. Schøllhammer (2001: 44) critica em *O matador*

---

<sup>1</sup> O romance foi traduzido para o alemão, dinamarquês, espanhol, francês, inglês, italiano, neerlandês, norueguês e turco com resenhas nos mais importantes jornais e revistas (cf. Menezes 1996).

<sup>2</sup> Cf. a adaptação radiofônica por Walter Adler, transmitida em 21 de julho de 2001 pela emissora alemã SWR 1 (cf. [http://www.nzz.ch/2001/07/21/ra/article7ir2r\\_1.457165.html](http://www.nzz.ch/2001/07/21/ra/article7ir2r_1.457165.html) [acesso em 06/05/2009]).

<sup>3</sup> Direção: José Henrique Fonseca; Roteiro: Rubem Fonseca (cf. <http://www.imdb.com/title/tt0312773/> [acesso em 06/05/2005]).

<sup>4</sup> Cf. <http://www.tirodeletra.com.br/biografia/PatriciaMelo.htm> (acesso em 06/05/2009).

“The characters are emptied of content simply ending up showing them selves to be bearers of a reality of absolute dishumanity and lose their depth in the face of this founding prohibition that makes them “people”. In this sense, the book loses its meaning because, instead of involving the reader in the drama of a man in moral decadence, it imposes on us the same indifference that terrorises him and nothing scares us”.

Ao nosso ver, estas críticas desconhecem tanto a maneira como Patrícia Melo vale-se por meio de intertextualidades, de referências a scripts e frames socialmente determinadas do estoque social de conhecimentos brasileiro dissecando os valores éticos da cultura de violência descrita no romance. Interessa, portanto, elucidar a análise subjacente do fenômeno da violência.

## **1. O enredo do romance**

A seguir apresentaremos uma sinopse do enredo do romance.

O romance inteiro está escrito na perspectiva do protagonista Máiquel, no início do romance vendedor de carros usados em São Paulo, e narra sua história a partir da sua perspectiva na primeira pessoa do singular. Máiquel localiza o início da sua carreira como matador numa aposta perdida sobre o resultado de um jogo de futebol entre dois clubes paulistanos. Em consequência da aposta perdida, Máiquel pinta seu cabelo de loiro. Esta cor de cabelo fornece-lhe uma auto-estima maior, mas no bar por ele freqüentado com certa regularidade, Suel, um dos amigos de bar ridiculariza-o por causa do cabelo pintado, na presença da sua recém-conquistada namorada, vendedora na loja de departamentos Mappin<sup>5</sup>. Máiquel desafia Suel para um duelo – ocasião em que mata a primeira pessoa na sua vida. Pela sua própria surpresa Máiquel não é procurado pela polícia, mas elogiado e considerado pelas pessoas do bairro como um herói que matou um delinqüente, ladrão de toca-fitas de carros. Essa fama lhe traz novas encomendas. O dentista, dr. Carvalho<sup>6</sup>, que Máiquel procura para um tratamento dentário para o qual não possui os meios financeiros, oferece o tratamento em troca da eliminação de Ezequiel, o

---

<sup>5</sup> O Mappin era, até a sua falência em 1999, símbolo do consumismo na cidade de São Paulo.

<sup>6</sup> A personagem do dentista dr. Carvalho é idêntica a do dentista carioca do conto *O Cobrador* de Rubem Fonseca (1979: 163-182) e que mudou, segundo *o Matador*, para São Paulo depois de ter sofrido o crime descrito em *O Cobrador* (cf. Melo 1995: 30; Fonseca 1979: 166). Cf também a resenha de Wörtche (1998).

suposto estuprador da filha do dentista. Assim, Máiquel recebe cada vez mais encomendas para eliminar pressupostos delinquentes, até que um dia o delegado Santana lhe oferece uma parceria em uma empresa de segurança que serve como disfarce para um esquadrão de morte bem organizado. Desta maneira, Máiquel ganha um estatuto social, pode levar uma vida de classe média alta e chega até a ser eleito como “Cidadão do Ano” pelo Clube Recreativo de Santo Amaro. Abre-se a perspectiva de ser eleito como vereador. A carreira termina quando mata uma pessoa que apenas aparentava pertencer a classe social cuja eliminação é apoiada pelos grupos sociais que se valeram dos seus serviços de matador (aliás de gerente de mortes sob encomenda), deixando além do mais uma mensagem no cadáver escrita no seu próprio cartão de visita da empresa de segurança. As pessoas que tinham promovido sua ascensão social e proteção contra a aplicação das sanções previstas no Código Penal para os atos encomendados, não só se afastaram, mas também se tornaram inimigos perigosos.

## **2. Violência do protagonista**

A primeira questão que se coloca é como é possível que um vendedor de carros usados, torcedor do São Paulo Futebol Clube, sem envolvimento com crimes ou drogas chegue a tornar-se um matador profissional que mata friamente sob encomenda e às vezes também sem encomenda? A análise subjacente da crítica de Schøllhammer (2001: 44) de que o romance não envolveria o leitor num drama de um homem em decadência moral, mas imporia ao leitor, a sentir a mesma indiferença diante dos crimes executados, podemos confirmar como sendo correta. Além disso – como Silveira (2000) mostrou de maneira convincente, Máiquel reúne em si todas as características de um herói mitológico como por exemplo, a chamada à aventura (perder a aposta), a recusa do chamado (depois de ter lançado o desafio do duelo, cogita desistir), o auxílio sobrenatural (ajuda do dentista Carvalho), apoteose (Cidadão do Ano). O romance, portanto, não tematiza o declínio de valores éticos, tampouco nenhum drama interior levando o protagonista a tornar-se um assassino múltiplo. Pelo contrário, vale-se do modelo de herói mitológico bem conhecido

pelos leitores, confrontando o leitor com a banalização do mal<sup>7</sup>. No entanto, ao contrário do que as críticas sugerem, Máiquel evoca valores éticos, alternativas ao ato de matar, mas no final das contas nunca chega a uma ponderação ética e moral que faça com que chegue à conclusão de não matar. Às vezes não há nenhuma ponderação de valores éticos e morais (p.ex. quando atira pelas costas do Suel e quando mata sua esposa), às vezes a ponderação tem como resultado a aceitação da encomenda:

“O homem para matar, os pensamentos vieram como carneirinhos e eu deixei que eles pulassem os obstáculos. Pularam. As coisas foram ficando claras, fui alinhando tudo. Eu mataria o Ezequiel porque era importante para mim. Dentes bons, cavalo dado, caça” (Melo 1995: 37).

No caso do tiro em Suel o protagonista hesita bastante antes da execução, sentiu medo por ser inexperiente no manejo de uma arma (mas não por ser amoral matar uma pessoa), não se importaria em pedir desculpas (Melo 1995: 14), mas segue em frente sem ter uma explicação racional tendo que recorrer a Deus desenvolvendo uma teoria de predestinação:

“Realmente não dá para entender como é que um sujeito faz uma bobagem dessas. So há uma explicação: Destino. Antes da gente nascer, alguém, sei lá quem, talvez Deus, Deus define direitinho como é que vai foder a sua vida. É isso. Era minha teoria. Deus só pensa no homem quando tem que decidir como é que vai destruí-lo [...] Em mim ele pensou” (Melo 1995: 15).

Depois da oferta do dr. Carvalho de matar Ezequiel, o suposto estuprador de sua filha, em troca de um tratamento odontológico Máiquel “não achava nada boa a idéia de ter que matar outro cara” (Melo 1995: 33), sente compaixão do Ezequiel quando o vê pela primeira vez:

“Falavam o diabo do Ezequiel e tudo o que eu via na minha frente era um pobre coitado. O Ezequiel parecia um cachorro vira-lata, aquela magreza, aquela tristeza, aquela cara de fome de cachorro de rua” (Melo 1995: 43).

---

<sup>7</sup> Na entrevista com a revista turca *Radikal* sobre *O Matador*, Patrícia Melo faz explicitamente referência a Hannah Arendt (cf. Koçak 2006).

Antes da segunda encomenda para matar, desta vez um jovem suspeito de furtar, Máiquel nega-se dizendo: ”Muito obrigado, mas eu não vou atar ninguém” (Melo 1995: 65), quando encontra a vítima pela primeira vez fica escandalizado:

“Eles queriam que eu matasse aquele menino? Pernas finas, cara de quem passou fome a vida inteira, doze anos, no máximo, eles queriam que eu matasse um menino de doze anos? Nem fodendo, eu me enganei, disse para o garoto. Virei as costas e fui andando, matar um garoto de doze anos, o que eles pensam?” (Melo 1995: 85).

Logo depois define seus limites éticos:

“O dr. Carvalho que me desculpasse, homem eu matava, velho eu matava, matava preto, madame, japonês, matava qualquer um, mas criança eu não matava. Nem mulher grávida” (Melo 1995: 85).

O que leva Máiquel então a matar, a transgredir seus próprios limites éticos? Aqui podemos, sim, observar uma evolução: No caso da primeira vítima, Suel, torna-se claro que é sua estratégia de preservação de face<sup>8</sup> que é responsável para desencadear a espiral da violência e ultrapassar todos os medos, escrúpulos, rejeitando as pontes douradas que os outros às vezes lhe oferecem.

Suel ridiculariza Máiquel na presença da sua nova namorada como *palhaço* e *gringo*, rebaixando de novo a auto-estima ganhada pela cor mais clara do cabelo. Assim, o desafio do duelo é uma estratégia extrema de mostrar-se valente, mostrar-se homem. Da mesma maneira, ele responde o pedido da sua nova namorada de renunciar ao duelo de maneira muito agressiva e vulgar com: “Nem fodendo”, embora do próprio medo e das dúvidas, por não querer ou não conseguir mostrar-se fraco diante dela. A coragem para matar Suel, finalmente vem do sentimento de poder – criado pelo fato do Suel desejar desistir do duelo e pelo sentimento de valorização por causa da atenção dispensada pelo público do bar (Melo 1995: 16).

---

<sup>8</sup> Estreitamente ligado à problemática da preservação da face é o conceito de masculinidade vigente que Máiquel adquiriu pela educação (cf. Melo 1995: 18), e que se manifesta também na sua violência nas relações amorosas. Estas questões bem como a análise dos caracteres femininos mereceriam uma análise a parte (cf. Mossa 1999, Zolin 2006) que não poderemos apresentar aqui.

No caso da segunda vítima, o que parece incomodá-lo é o fato de ter de matar mais uma outra pessoa, assim Máiquel evoca a possibilidade de contratar alguém para executar a encomenda (Melo 1995: 34), mas continua com as investigações sobre Ezequiel, afirmando aos seus amigos que vai matar a pessoa (= Ezequiel) procurada por meio de uma foto, embora não tenha ainda certeza de querer fazê-lo: “Falei por que não tinha nada para falar” (Melo 1995: 36). Anúncios deste tipo contribuem porém a construção da sua imagem como um justiceiro temível e geram fatos. Somente pode voltar atrás perdendo sua face.

Quanto à terceira vítima, Máiquel apenas começa a procurar o menino depois de ter-se sentido humilhado pela sua esposa diante de colegas de trabalho dela com afirmações como que o salário dele seria uma porcaria, mas ajudava, o fato dela ter jogado fora seus sapatos velhos e furados pelos quais, aliás já tinha sentido vergonha em outras ocasiões (cf. Melo 1995: 82), procurando então uma saída desta vida que lhe causa humilhações.

Inicialmente, Máiquel evoca não raras vezes formas alternativas de viver sem violência, sair do caminho traçado como matador, levar uma vida considerada pela sociedade como honesta, humilde, honrada, normal. Só três exemplos:

“Jogaria a arma no rio Tietê. Faria as pazes com Cledir, arranjaría um emprego e me casaria com ela. Teria filhos, uma vida normal. E nunca cheiraria pó também” (Melo 1995: 37).

“Muito obrigado, mas eu não vou matar ninguém.

Estava me sentindo bem, foi bom vomitar. Fui embora para a casa a pé, pensando: eu ia me casar com Cledir, ia arranjar um emprego, ia cuidar de Érica, Érica ia estudar para ser professora, ou médica, se ela quisesse. Tudo ia dar certo. A minha vida ia ser boa e eu não precisaria sair por aí matando pessoas” (Melo 1995: 65).

“Cledir estava linda [...] fechei os olhos, fiz o meu pedido, ser um homem normal, um homem que trabalha e ama sua esposa e seus filhos, foi isso que eu desejei” (Melo 1995: 66).

As alternativas reais, no entanto, não parecem ter um grau de atratividade suficiente para fazer com que Máiquel consiga decidir a não continuar no caminho em direção de tornar-se um matador profissional. Assim, quando depois de ser humilhado por uma cliente, decide não trabalhar mais na loja de carros usados vislumbra as outras alternativas:

“Procura-se faxineiro. Precisa-se porteiro. Contador com experiência. Escritório de contabilidade precisa de funcionário para trabalhar. Deus me livre. Você é jovem é quer ganhar dinheiro? Sou. Quer ter seu próprio negócio? Sabão. Sei como é que é isso, eles te recrutam para vender sabão. Você vai lá, fica dois dias fazendo curso, eles te catequizam, fazem você comprar uma tonelada de sabão e abrir o seu negócio. Você se anima e quando acorda para a realidade está sem emprego e com uma tonelada de sabão em casa” (Melo 1995: 26-27).

Máiquei está sem ilusões sobre seu lugar na sociedade:

“Vender pipoca direitinho, eu pensei. Ou vender ração para animais. Ou vender carros usados. Ou cuidar da portaria de um prédio. Ou levantar paredes. Os trabalhos seriam estes, eu teria que fazer algum. Sim ou não” (Melo 1995: 64).

Nas ponderações sobre aceitar ou não o pedido de matar Ezequiel evoca também uma outra alternativa, mas diante das mesmas, a de ganhar dinheiro matando parece mais fácil: “Posso vender sapatos, descascar batatas, qualquer coisa. Foda-se. Posso matar também. É fácil matar, você pega o revólver, aperta o gatilho e pronto” (Melo 1995: 34-35). Mais tarde chega à conclusão que matar é uma faculdade humana inata:

“Até matar o primeiro cara a gente pensa que existe essa história de aprender a matar. Aprender a matar é como aprender a morrer, um dia você morre e pronto. Ninguém aprende a matar. Isso é conversa furada de tira. Todo mundo nasce sabendo. Se você tem uma arma na mão já sabe tudo” (Melo 1995: 93).

Enquanto os trabalhos previstos para a classe social a qual Máiquei pertence, permitem por causa da baixa remuneração, apenas uma vida modesta e restrita e, além disso, expõem-no ao desprezo dos clientes, a matança de pessoas consideradas delinquentes não só traz benefícios econômicos concedidos pelos mandantes, mas também admiração e respeito pelos moradores do bairro, e abrem o acesso a círculos da sociedade dantes inacessíveis.

O romance articula, então, a inter-relação entre violência estrutural (lugar previsto na sociedade sem perspectiva de mobilidade social, falta de respeito, falta de prevenção no sistema público de saúde, permitindo que uma dor de dente leve uma pessoa sem



meios para um tratamento odontológico a aceitar matar uma pessoa em troca de tratamento) e a violência exercida por pessoas como Máiquel. Este transforma-se de uma pessoa que não sabia manejar armas, em uma que sabe, mas não gosta<sup>9</sup> (Melo 1995: 47) a alguém que ganha auto-estima no porte de armas e na sua nova “profissão”:

“Eu estava mudando, armas mudam tudo. Antigamente, quando saía por aí, só olhava para os meus pés. Não via a rua, as pessoas, o sol, as bancas de jornais, os anúncios, eu só vi meus sapatos fodidos, via merda de cachorro, via pontas de cigarro, papel, tampa de refrigerante, lixo. Aprendi a andar depois que eu passei a usar armas. Esmagar calçadas. Aprendi a olhar para frente, para dentro das pessoas, os neurônios, o fígado delas. Eu mudei. Eu não era mais aquele homem do início, eu era um matador” (Melo 1995: 94).

Matar pessoas passa a ser enfrentado com naturalidade:

“você estará tentando olhar para aquilo com naturalidade, matar pessoas, muito bem, a gente mata, guerra, a gente luta, isso é bom, isso é ruim, pouco importa, eu não queria saber de nada, queria apenas fazer bem-feito, era isso que eu queria” (Melo 1995: 94).

e passa a ser considerado um trabalho:

“Decidi concentrar todas as minhas forças no meu trabalho. Nome: Pedro televisão. Vinte anos, pardo. Pedro é um homem cruel, disse o dr. Carvalho. Seja cruel. Serei” (Melo 1995: 110).

Apesar desta última citação, em comparação com o cobrador de Fonseca (1979), Máiquel não aplica brutalidade gratuita quando mata as pessoas. Assim, preserva a vítima Conan do jogo sádico de ter que comer fezes antes de ser executado, mas mata-o friamente com três tiros imediatamente depois de ter recebido os agradecimentos da vítima por ter sido preservada do jogo sádico. A brutalidade contra Ezequiel, acontece não de maneira planejada e premeditada, mas por causa da incompetência de matá-lo a tiros. A reação positiva da população à crueldade com a qual Ezequiel foi morto: “As pessoas gostaram da parte em que eu martelei a cabeça e furei os olhos de Ezequiel. As mães adoraram e eu achei normal que adorassem” (Melo 1995: 55), nos leva ainda a um outro aspecto da

---

<sup>9</sup> “No ônibus, Érica perguntou o que eu senti quando segurei a arma. Não senti nada, eu disse. Menti, eu tinha sentido uma aflição, um arrepio, eu não gostava de armas” (Melo 1995: 47).

análise do fenômeno da violência analisada pelo romance. A violência contra supostos criminosos é largamente aceita pela sociedade, o monopólio estatal da violência, no entanto, não, ou pelo menos não na sua limitação pelos direitos humanos.

Isso é a base social que permite com que pessoas como o dentista dr. Carvalho ou o delegado Santana organizem o assassinato de pessoas por eles não consideradas dignas de continuar vivendo.

### 3. A visão de mundo dos mandantes dos assassinatos

Para dr. Carvalho “há crimes que só a pena de morte pode resolver” (Melo 1995: 30), os direitos humanos são uma invenção inaceitável. Ele considera delinquentes como não-humanos: “Essa história de direitos humanos é uma piada. Eles não são humanos, os estupradores, os seqüestradores, eles não são humanos” (Melo 1995: 30). Isso não o impede de se declarar religioso e procurar uma justificativa no Novo Testamento e desenvolve como legitimação dos assassinatos de supostos delinquentes até uma própria interpretação da *Summa Theologica* de São Thomas de Aquino<sup>10</sup>:

“O próprio São Tomás de Aquino diz isso, matará, se necessário, matará em nome da lei, diz Tomás de Aquino, quer dizer não é bem isso que ele diz, mas é mais ou menos isso, estou adaptando, entendeu? O que ele quer dizer é quem mata em nome da justiça não é um criminoso porque isso Não é crime, deu para entender?” (Melo 1995: 31).

Além disso, ele se confessa abertamente racista: “Aquele preto filho da puta merecia morrer. Eu odeio preto, sou racista mesmo, esses pretos estão acabando com a vida da gente” (Melo 1995: 32). O discurso do seu amigo Sílvio Dantas não é muito diferente, mas inclui ainda os pobres na classe dos inimigos: “Pobres e pretos. Pragas” (Melo 1995: 63). Sua inclinação sanguinária revela-se, porém, seguindo a análise de Barthes ([1957] 1985: 77-79), na sua predileção para carne, de preferência sangrando (Melo 1995: 123). O ato concreto de matar, porém normalmente é verbalizado por eufemismos valorizadores como p. ex. *trabalho* (cf. também Mossa 2002: 217). “Eu tenho

---

<sup>10</sup> As passagens relevantes são disponíveis em: <http://www.corpusthomisticum.org/sth3061.html> (acesso em 07/05/2009).

acompanhado seu trabalho” (Melo 1995: 123), “O Carvalho falou do seu trabalho” (Melo 1995: 64). Mas também com dêiticos e pronomes que evitam nomear o ato: “Gostei do que você fez com o Suel” (Melo 1995: 32), “O dr. Carvalho me deu dinheiro, compre logo o que tiver que comprar, acabe com isso o mais rápido possível” (Melo 1995: 44). Chega-se até a subsumir os assassinatos como *filantropia* e a analisar a situação com metáforas econômicas como *mercado*: “ninguém quer sujar às mãos, ele disse, há um bom mercado, ele disse, um mercado muito bom mesmo, pode-se ganhar muito com isso” (Melo 1995: 123). Os autores dos crimes contra os supostos pequenos delinquentes são portanto guiados por um alto grau de racionalidade (cf. também Melo 2007, Koçak 2006) determinada pela lógica do sistema econômico vigente. Do outro lado, estes mandantes dos assassinatos mostram todas as características do homem cordial, valorizando a pessoa (no caso o Máiquel) com a qual pretendem fazer seus negócios mortais.

#### 4. Conclusão

Em *O Matador* Patrícia Melo não apresenta nenhuma solução para o problema da violência, nem um diagnóstico completo do fenômeno. Mas oferece uma análise que mostra até nos pequenos detalhes a cultura da violência já descrita por Ventura (2001) (que Melo (2007), aliás, cita como uma das fontes de inspiração) dizendo “A *cultura da violência* é um padrão de relacionamento entre pessoas [...] desde a agressividade em situações corriqueiras [<sup>11</sup>...] às grades cercando prédios e praças<sup>12</sup>” (Ventura 2001: 346). Descreve o racismo aberto como no caso do dr. Carvalho e seu amigo, bem como o racismo camuflado cujos julgamentos de valor fazem parte do estoque social dos conhecimentos, começando com a elevação da auto-estima de Máiquel pintando seu cabelo de loiro (sendo este julgado mais bonito do que cabelo preto) até o lugar previsto na sociedade para os de pele negra <sup>13</sup>. O romance confronta a sociedade brasileira com os

---

<sup>11</sup> Cf. p.ex. “Começamos a dançar, uma mulher ficou nos olhando, Érica se irritou, o que é, quer levar porrada?” (Melo 1995: 55).

<sup>12</sup> Cf. p.ex. “Um inferno, disse o dr. Carvalho. Dê uma volta por aí. Sabe o que vai encontrar? Vai encontrar grades. Muros. Arame farpado. Cacos de vidro, é isso que você vai encontrar por aí. Vai encontrar alarmes. Portas blindadas. Aço. [...] É verdade, eu pensei, grades, muros, cacos de vidro, tenho tudo isso dentro de mim” (Melo 1995: 42).

<sup>13</sup> Cf. p. ex. “[...] alguém quer me foder. E quem quer te foder? Sei lá, disse o Marcão, agora eu sou bacana [...] um preto com dinheiro num carro bacana, um preto entrando num restaurante, um preto numa boa

valores compartilhados por uma grande parte da população. Assim não é raro ouvir opiniões como essa expressa num fórum na internet:

“tinham que executar os chefes do pcc e os segundos em comando em praça publica [sic], e fazer a globo televisionar ao vivo para todo pais.... e deixem a rota trabalhar, fica ai [sic] uns 2 dias limpando as noites, mata esses filhos da puta” [sic]<sup>14</sup>.

Tampouco nos parece por acaso que Menezes (1996) no seu artigo de jornal sobre o sucesso mundial de *O Matador* descreve a função de Máiquel como *justiceiro* as suas vítimas de *bandidos pé-de-chinelo*: “O romance de Patrícia conta a história de um homem da periferia de São Paulo que se torna um matador, um justiceiro que elimina bandidos pé-de-chinelo” (Menezes 1996: 4.3) – uma formulação eufemizante para o matador, mas agravante para a maioria das suas vítimas que foram assassinadas por serem suspeitas de furtos. Esta terminologia podia muito bem ser usada pelas pessoas a favor das ações do protagonista.

Mesmo não sendo completa, o romance apresenta uma análise diferenciada da violência urbana, relacionando-a com as diferentes facetas dos valores vigentes da sociedade sem moralizá-las. Os leitores são confrontados com a lógica da cultura da violência. Os julgamentos éticos e interrogações sobre as conseqüências, permanecem sob sua própria responsabilidade.

## **Bibliografia**

BARTHES, Roland ([1957] (1985): *Mythologies*. Paris: Seuil (Points; 10).

FONSECA, Rubem (1979): *O cobrador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

KOÇAK, Kivanç (2006): “Gerçek katil bir adım öne çıksın: Patrícia Melo ‘Katil’de ciddi bir toplumsal eleştiri yapıyor: Yazar üsttekilerin alttakileri bir böcek gibi görmelerinin altını çiziyor”, in: *Radikal: Internet baskısı* (15 de setembro de 2006), disponível em:

[http://www.radikal.com.tr/ek\\_haber.php?ek=ktp&haberno=5565](http://www.radikal.com.tr/ek_haber.php?ek=ktp&haberno=5565) (acesso em 06/05/2009).

---

dando risada por aí, eles não toleram, ficam doidos de ódio, a realidade é essa” (Melo 1995: 137). Cf. também Ventura (2001: 346).

<sup>14</sup> (16/05/2006), disponível em:

<http://www.ambientemusical.net/forum/index.php?action=vthread&forum=11&topic=760> (acesso em 06/05/2009).

- LINS, Paulo (1997): *Cidade de Deus: romance*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Patrícia (1994): *Acqua Toffana*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Patrícia (1995): *O matador*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Patrícia (1998): *Elogio da mentira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Patrícia (2000): *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Patrícia (2003). *Valsa negra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Patrícia (2006): *Mundo perdido*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Patrícia (2007): *The Killer* [palestra no 2007 Pen World Voices Festival], disponível em: <http://www.pen.org/viewmedia.php/prmMID/2090/prmID/1638> (acesso em 06/05/2009).
- MELO, Patrícia (2008): *Jonas, o copromanta*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MENEZES, Thales de (1996): “‘O Matador’ se torna cidadão do mundo”, in: *Folha de S. Paulo* (25 de outubro de 1996), 4.5.
- MOSSA, Fábio de Carvalho (1999): “Dicção masculina-homicida em Patrícia Melo”, in: *Anuário de Literatura* 7, 191-203.
- MOSSA, Fábio de Carvalho (2002): *O gozo estético do crime: dicção homicida na literatura contemporânea*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC.
- PÖPPEL, Hubert (2004): *Der brasilianische Kriminalroman: Kommunikation und Transkulturation*. Mettingen: Brasilienkunde-Verlag (Aspekte der Brasilienkunde; 27).
- SCALZO, Fernanda (1995): “Patrícia vai mais fundo na violência”, in: *Folha de S. Paulo* (27 de setembro de 1995), 5.3.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik (2001): „From the Malandro (Rogue) to the Traficante (Drug Trafficker) - two constellations of violence in Brazilian culture”, in: *Diálogos Latinoamericanos* 4, 37-46.
- SILVEIRA, Rosana Cacciatore (2000): "Máique, o herói da morte: uma análise mitológica do romance *O matador* de Patrícia Melo", in: *Anuário de Literatura* 8, 95-120.
- THOMAS DE AQUINO: *Summa Theologiae: secunda pars secundae partis a quaestione LXI ad LXXVIII; Textum Leoninum Romae 1897 editum ac automato translatum a Roberto Busa SJ in taenias magneticas denuo recognovit Enrique Alarcón atque instruxit*, disponível em: <http://www.corpusthomicum.org/sth3061.html> (acesso em 07/05/2009).
- VEJMELKA, Marcel (2005): “Resenha de Patrícia Melo: *Inferno*, aus dem Portugiesischen von Bárbara Mesquita, Stuttgart: Klett-Cotta, 2003/ Patrícia Melo: *Ich töte, du stirbst*, aus dem brasilianischen Portugiesisch von Bárbara Mesquita, Stuttgart: Klett Cotta, 2002”, in: *Lusorama* 63-64, 189-192.
- VENTURA, Zuenir (2001): “A cultura da violência”, in: SOBRAL, Marisa/ AGUIAR, Antonio (eds.): *Para entender o Brasil*. São Paulo: Alegre, 345-353.
- WÖRTCHE, Thomas (1998): “Nach oben killen”, in: *tageszeitung* 5427 (09 de janeiro de 1998), 16.
- ZOLIN, Lúcia Osana (2006): “Alguns apontamentos sobre gênero e representação na ficção de Patrícia Melo”, in: *Línguas e Letras: Estudos Literários* 7, 145-161.